

O USO DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

Roldão Ribeiro Barbosa¹

Universidade Federal do Piauí – UFPI

E-mail: roldaobarb@uol.com.br

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados. (ALBERTI, 2005, p. 17. Grifo do autor)

Então se depreende que a História Oral é um misto de método, fonte e técnica, embora também seja evocada como campo científico, inclusive de disputa de hegemonia acadêmica junto às agências de fomento à pesquisa historiográfica. E para Verena Alberti a História Oral é um método de pesquisa que privilegia o acesso a informações diretamente das fontes testemunhais; e esse método produz fonte, que são os depoimentos, as narrativas, as quais são colhidas através da técnica de entrevista, que ficam à disposição dos estudiosos, como é o caso do banco de dados do CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - da Fundação Getúlio Vargas.

Mas a história oral não é algo recente, pois os antigos historiadores gregos, Heródoto e Tucídides, na confecção de seus textos, consideravam as testemunhas orais dos acontecimentos. Inclusive o povo judeu, segundo a exegese bíblica, nunca depreciou a tradição oral enquanto fonte da revelação divina. A Igreja Católica também sempre considerou como bases de seus ensinamentos três fontes: o texto sagrado, os ensinamentos pontifícios e a tradição oral, compreendendo todo um legado que não está codificado, mas vai se conservando e construindo ao longo dos séculos como regra de conduta e de fé, que é praticada porque é boa.

Então, quando se fala de História Oral, os conceitos de memória e representação se fazem presentes, enquanto construções coletivas significadas e re-significadas permanentemente. A história oral joga necessariamente com as lembranças e os

¹ Mestrando da 17ª Turma do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, 2009-2010).

esquecimentos evocados ou silenciados pelos sujeitos naquele momento, reportando-se a acontecimentos passados. E nesse processo, tais sujeitos, na altura, por exemplo dos seus oitenta a noventa anos de idade, ressignificam os acontecimentos que experienciaram, quer através do conhecimento que construíram, quer através de internalização das representações sociais, enquanto conhecimentos comuns à comunidade. E a representação social, como construção coletiva, é assimilada à memória coletiva, a qual atua como fator de reinterpretação dos acontecimentos e percepções passadas pela memória.

Paul Thompson diz: “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.” (THOMPSON, 2005, p. 197). Por isso a História Oral é carregada de significações que as narrativas foram adquirindo ao longo da existência do depoente. Inclusive, para que os depoentes possam melhor expressar suas vivências, recomenda que se lhe crie um espaço por demais confortável, à semelhança de um divã. E nesse não se assentam só os contemporâneos dos acontecimentos, mas também as sucessivas gerações que se apropriaram da memória dos seus antepassados.

Hoje a História Oral não é somente um dos vértices da triangulação como tarefa do historiador, mas é História mesma, para tanto segue rigorosamente procedimentos metodológicos reconhecidamente científicos. Mas apesar da consolidação do campo da História Oral no meio acadêmico, ainda é nesse meio que ela encontra maior resistência, dado as exigências dos cânones científicos, inclusive por parte de Conselhos de Ética na Pesquisa – CEP de algumas universidades que ainda têm dificuldade para trabalhar a dimensão subjetiva da realidade, aquela dimensão acessível só ao entendimento dos sujeitos envolvidos no processo de produção do conhecimento.

Nos anos 80 constituíram-se núcleos de pesquisas e de programas de História Oral direcionados para temas e objetos de estudos variados. De acordo com Alberti (2006) o CPDOC publicou nessa década um manual de História Oral, em cujo apêndice havia pelos menos 21 instituições de pesquisa em 10 estados brasileiros que utilizam a História Oral em seus trabalhos. Na década de 1990 o crescimento da História Oral continuou como consequência da intensiva participação de pesquisadores e instituições nos encontros acadêmicos organizados a partir desse período.

Nessa década, ocorreram encontros acerca da História Oral no Brasil o que influenciou uma maior divulgação da mesma. Segundo Freitas (2002) no primeiro

semestre de 1991 foi realizado o encontro “História Oral na voz de Paul Thompson” formado de workshop e seminário com ele, no Museu da Imagem e do Som de São Paulo no qual foi inserido o Projeto Depoimentos em Vídeo com foco na arte e na cultura brasileira. Esse Encontro possibilitou o amadurecimento da discussão sobre História Oral no Brasil e serviu como estímulo a múltiplas experiências que desde décadas anteriores foram desenvolvidas. Para Freitas esse encontro mostrou

... concretamente, a existência no Brasil de uma quantidade significativa de trabalhos que utilizavam a História Oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental. Foram identificados 125 projetos de História Oral em desenvolvimento, sendo 49 projetos individuais e 76 institucionais, de um total de 220 participantes.

Muitos outros encontros foram realizados tornando-se estímulos importantes para o uso em trabalhos com a História Oral no Brasil, como o II Encontro Nacional de História Oral no Rio de Janeiro no qual foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Sendo assim, esses elementos tornaram importantes e evidenciaram o interesse que a História Oral despertou em um número substancial de pesquisadores se utilizaram da mesma como metodologia ou como técnica.

A historiografia da História Oral tem revelado um desenvolvimento acentuado dessa abordagem metodológica a partir do advento dos gravadores de áudio e vídeo, a partir dos anos de 1950, em países da Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, a partir da criação do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, em 1975, a História Oral se apresentou como uma forma de registrar os testemunhos vivos das elites quanto ao processo político no decorrer do Século XX. E a proliferação de núcleos de História Oral em quase todas as universidades brasileiras foi um indicador insofismável de que a História Oral veio para ajudar a fincar as raízes do povo brasileiro, contribuindo para a construção de sua identidade ao trazer-lhe à memória os saberes construídos individual e coletivamente nas relações sociais. Portanto, atores individuais e coletivos que não tiveram espaço na grande imprensa, para expor suas visões de mundo e sociedade, estariam tendo efetivamente agora, a partir da imersão dos pesquisadores acadêmicos nesses espaços “marginalizados”, dando voz àqueles que a classe hegemônica fez silenciar, como é o caso dos negros, das mulheres, dos homossexuais, dos analfabetos e, hoje, daqueles que

não possuem pós-graduação ou mesmo qualquer curso superior, enfim, da grande massa de construtores da riqueza desse País.

Na análise de Freitas

...o CPDOC é o melhor exemplo da bem-sucedida experiências com História Oral no Brasil, tanto pela qualidade de seu acervo, constituído principalmente de entrevistas com personalidades da história política contemporânea do país, quanto pela realização de comunicações, palestras e edificações de obras sobre a teoria e metodologia da História Oral (2002, p.30)

As entrevistas realizadas pelo CPDOC tinham como objetivo conhecer os processos de constituição das elites, suas influências políticas e intelectuais e concepção de mundo vigente no período de atuação das mesmas. Com isso, queria-se chegar ao processo de montagem do Estado brasileiro no período militar sendo realizadas entrevistas de história de vida acompanhadas por várias sessões nas quais os entrevistados narram sobre sua vida desde a sua infância dando ênfase a temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa.

Para esse trabalho levantou-se a hipótese de que os congressos promovidos pela Sociedade Brasileira de História da Educação seriam os espaços reveladores, por excelência, dessa receptividade e efervescência da História Oral, seja como abordagem teórica, seja como método de pesquisa ou como técnica de coleta de dados, revelariam um crescimento substancial tanto em termos absolutos quanto relativos.

Planejou-se, inicialmente, tomar das comunicações apresentadas no 1º e no 5º CBHE – Congresso Brasileiro de História da Educação, realizados respectivamente nos anos 2000 e 2008, uma amostra o mais próxima possível dos parâmetros estabelecidos pela ciência Estatística. Então, utilizando a técnica de amostragem denominada probabilista sistemática, que toma o indivíduo de uma população tal como se encontra ordenada (MARCONI & LAKATOS, 1996), selecionou-se de quatro em quatro (capturando-se o último elemento da sequência de quatro) 42 elementos do ICBHE e 185 do VCBHE, os quais tiveram 175 e 744 comunicações, respectivamente.

Para facilitar a exposição dos resultados, optou-se por simplificar tabelas estatísticas classificando os trabalhos em três categorias centrais: história oral, historiografia e documentos. Na categoria história oral se enquadram todas as comunicações resultantes de pesquisa que tenham utilizado a oralidade como fonte, seja

através de história de vida, de história temática ou de tradições orais, utilizando-se de entrevistas. A categoria historiografia compreende todas as fontes bibliográficas, com conteúdo pertinente à história da educação ou não, utilizadas para a obtenção de dados históricos. E na categoria documentos estão todas as fontes documentais, sejam legais ou institucionais, materiais didáticos e literários, materiais diversos que possam ser utilizados como fontes pelo historiador.

E, após tabulados os dados, obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 1 – Amostra de comunicações apresentadas no ICBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação, em 2000.

<i>CATEGORIAS</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PORCENTAGEM</i>
História oral	9	21,42
Historiografia	12	28,57
Documentos	21	50,00
TOTAIS	42	100,00

FONTE: Dados colhidos nos Anais do ICBHE expostos no sítio www.sbhe.org.br e elaborados pelos autores desse trabalho.

Tabela 2 – Amostra de comunicações apresentadas no ICBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação, em 2008.

<i>CATEGORIAS</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PORCENTAGEM</i>
História oral	31	16,75
Historiografia	17	9,18
Documentos	137	74,07
TOTAIS	185	100,00

FONTE: Dados colhidos do Livro de Resumos do VCBHE, distribuídos no ato do credenciamento em Aracajú-SE em 2008 e elaborados pelos autores desse trabalho.

Como se observa nas tabelas, não há um crescimento percentual de comunicações ao se comparar os dados da Tabela 1 com os dados da Tabela 2, pois a História Oral aparece com percentuais de 21,42 e 16,75, respectivamente; pelo contrário, há uma involução, muito embora o volume quantitativo tenha crescido da ordem de quase 250%, pois se passou de 9 trabalhos para 31, atendo-se à amostra, o que contrariou a hipótese de que houvesse um franco crescimento. Então, essa constatação

ensejou levantar-se uma desconfiança quanto ao instrumento estatístico e procedeu-se ao exame, um a um, de todas as 175 comunicações apresentadas no ICBE-2000 e ao exame, um a um, das 385 comunicações contidas nos eixos temáticos 1, 3, 5 e 7 do VCBHE-2008, obtendo-se os seguintes resultados:

Tabela 3 – Totalidade das comunicações apresentadas no ICBHE 2000.

<i>CATEGORIAS</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PORCENTAGEM</i>
História oral	37	21,14
Historiografia	76	43,43
Documentos	62	35,43
TOTAIS	175	100,00

FONTE: Dados colhidos nos Anais do ICBHE expostos no sítio www.sbhe.org.br e elaborados pelos autores desse trabalho.

Tabela 4 – Totalidade das comunicações apresentadas no VCBHE 2009, pertencentes aos eixos temáticos 1, 3, 5 e 7.

<i>CATEGORIAS</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PORCENTAGEM</i>
História oral	83	21,40
Historiografia	84	21,65
Documentos	221	56,95
TOTAIS	388	100,00

FONTE: Dados colhidos do Livro de Resumos do VCBHE, distribuídos no ato do credenciamento em Aracaju-SE em 2008 e elaborados pelos autores desse trabalho.

Ao contrastar o resultado do segundo procedimento metodológico com o do primeiro, verificou-se a confirmação de que o uso da História Oral na pesquisa acadêmica em História da Educação, no Brasil passou de um franco crescimento nas décadas de 1980 e 1990 para uma estabilidade na primeira década do Século XXI, pois tanto o ICBHE-2000 quanto o VCBHE-2008 apresentam o mesmo índice de 21%. E tal índice é bastante sintomático! Possivelmente reflita o efeito de sucessivas críticas lançadas contra a História Oral por parte dos historiadores que priorizam o dado documental. Inclusive, o uso dos documentos de primeira mão como principal fonte de pesquisa em História da Educação subiu do percentual de 35,43 para 56,95. E

constatou-se por outro lado um decrescente uso da fonte bibliográfica como principal meio de construção do discurso historiográfico, pois do primeiro para o quinto congresso o índice caiu do percentual de 43,43 para 21,64.

Todo pesquisador da área de Ciências Humanas sabe, inclusive nos campos da História e, principalmente, da História da Educação, que não existe uma produção científica que use exclusivamente uma abordagem ou um método ou uma técnica ou simplesmente um tipo só de fonte na consecução de seus objetivos. Foi o que se constatou quanto à História Oral: 12% das pesquisas comunicadas foram feitas exclusivamente tendo como método e técnica de abordagem a história oral; 9,15% das pesquisas foram elaboradas mesclando: história oral com documentos legais e/ou institucionais e acervo particular; história oral com jornais, história oral com fontes historiográficas e documentais legais e/ou institucionais; história oral com fonte hemerográfica e autobiográfica; história oral com fontes historiográficas; história oral com fontes manuscritas e iconográficas. Mas no conjunto, pode-se afirmar categoricamente que 21% das comunicações utilizaram de uma forma ou outra a História oral. E o exemplo a seguir é bem ilustrativo:

Somadas à pesquisa bibliográfica, encontram-se também fontes documentais e iconográficas, oficiais e não oficiais, localizadas no arquivo do próprio Departamento de Educação Artística da UFPI (DEA) e em outros acervos públicos e particulares, além de depoimentos orais, coletados por meio de entrevistas não estruturadas e história de vida. (FERREIRA FILHO, 2008, p. 137).

E o mesmo se constatou quanto ao uso da história documental, que não prescinde das fontes bibliográficas, em particular a historiografia, isto é, a história elaborada e tem procurado corroborar seus dados com depoimentos orais. E a história historiográfica, isto é, a que faz uso de livros de história para construir sua interpretação histórica não deixa de recorrer a dados documentais e orais para dar um ar de cientificidade às suas assertivas.

E as razões para o uso da História Oral sempre evocam a possibilidade de usar as múltiplas expressões que servem à comunicação dos sujeitos históricos nas relações sociais, como expressa a Bernadeth Maria Pereira:

A abordagem metodológica escolhida para o desenvolvimento deste estudo, de caráter qualitativo, foi a História Oral, metodologia de pesquisa que privilegia os testemunhos não escritos, as fontes não hegemônicas e, ao mesmo tempo, dialoga com uma multiplicidade de fontes escritas, visuais e inclusive as oficiais. (PEREIRA, 2008, p. 162)

A expressão acima reafirma o que se constatou no exame de comunicações do I e V CBHE: são poucas as comunicações que afirmam o uso exclusivo da História Oral (12% e 4,40%, respectivamente) no processo de pesquisa, mas a maioria absoluta de uso da História Oral se faz no diálogo com inúmeras fontes escritas, visuais e documentais oficiais e institucionais e não institucionais, tais como: jornais, diários, relatórios, literatura, fotografias, vídeos, pinturas, monumentos, móveis e equipamentos, materiais didáticos, leis, mensagens legislativas, cadernetas escolares, diplomas e certificados, cartas, etc.

Diante do exposto acima é necessário lembrar que ao analisar o quadro geral das comunicações examinadas constata-se: no ICBHE-2000 o percentual de comunicações dando conta de pesquisas exclusivamente em base à História Oral era de 12%, enquanto que no VCHE-2008 esse percentual foi apenas de 4,4%, mas inversamente o uso da História Oral associada a múltiplas fontes subiu de 6,88% para 16,59%. Daí conclui-se que a crítica feita à História da Educação a partir da pura oralidade está surtindo efeito ao induzir os historiadores da História Oral a fazerem triangulação com outras fontes, em vista da construção de uma narrativa validada.

A análise das comunicações apresentadas tanto no I e no V Congresso Brasileiro de História da Educação que utilizaram a História Oral, seja como abordagem teórica, como método ou como técnica foi importante e necessária, pois proporcionou um olhar reflexivo nas produções acadêmicas ao se tomar conhecimento que o uso da História Oral em tais pesquisas vem se estabilizando, depois de um considerável crescimento nas décadas de 80 e 90 do século XX, fazendo-se uso concomitante de outras fontes.

REFERÊNCIAS.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro:FGV, 2005.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://WWW.sbhe.org.br>. Acesso em: out. 2009.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. Aracajú: UFS; UNIT, 2008.

FERREIRA FILHO, João Valter; FERRO, Maria do Amparo Borges. O ensino superior de música no Piauí: história e memória. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, de 09-12.11.2008. **Livro de Resumos**. Aracaju-SE: UFS;UNIT, 2008.

FREITAS, S. M. de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996.

PEREIRA, Bernadeth Maria. A história da educação conjugada à história oral em imagem videográfica. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, de 09-12.11.2008. **Livro de Resumos**. Aracaju-SE: UFS;UNIT, 2008.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ANEXOS

AEXO 1 – COMUNICAÇÕES ORAIS APRESENTADAS NO ICONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO EM 2000.

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Fonte oral	21	12
Fonte documental	42	24
Fonte documental e jornais	09	5,14
Fonte historiográfica	39	22,28
Fonte historiográfica, documental, jornal	09	5,14
Fontes documentais, jornais e periódicos	02	1,14
Fonte historiográfica, documental, jornal e foto	04	2,28
	01	0,58
Fonte documental, oral e acervo particular	02	1,14
Fonte oral e jornal	07	4
Fonte oral e documental	11	6,28
Fontes literárias	08	4,57
Fontes historiográfica e documental	02	1,14
Fontes oral, documental, historiográfica	09	5,14
Fonte jornal impresso	01	0,58
Memória	01	0,58
Inquérito	01	0,58
Fonte oral, jornal, autobiografias	02	1,14
Fontes historiográfica e oral	01	0,58
Fontes Manuscritas, iconográficas e orais	01	0,58
Fontes audiovisuais	02	1,14
Fonte não identificada		
TOTAIS	175	100

FONTE: ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://WWW.sbhe.org.br>. Acesso em: out. 2009.

ANEXO 2 - COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NO VCBHE_2008 PERTENCENTES AOS EIXOS TEMÁTICOS 1, 3, 5 E 7.

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Oral	17	4,40
Oral, documental e acervo particular	02	0,51
Oral e documental	21	5,44
Oral, documental e historiográfica	03	0,77
Oral, documental e livro didático	01	0,25
Oral, hemerográfica e documental	08	2,07
Oral, hemerográfica e document e manuais	01	0,25
Oral, documental e autobiográfica	01	0,25
Oral, hemerográfica e periódico	01	0,25
Oral, documental e historiográfica	03	0,77
Oral, docum., historiogr. e hemerográfica	01	0,25
Oral, documental, iconográf. e hemerograf.	01	0,25
Oral, document, hemerográf. e acervo part.	01	0,25
Oral, document, iconográfico e acervo part.	01	0,25
Oral, documental e iconográfico	03	0,77
Oral e periódico	01	0,25
Oral e historiográfica	02	0,51
Oral, acervo particular e historiográfica	01	0,25
Oral, documental,mat. didático e iconográf.	01	0,25
Oral, acervo part., documental e iconográf.	01	0,25
Oral, ac. part., doc., per.,hemer., e iconogr	01	0,25
Oral, proj. arquit., doc., hemer., e iconográ	01	0,25
Oral, historiogr., docum., hemer., e iconográ	01	0,25
Oral, memória e hemerográfica	01	0,25
Oral, document., memória e ac. Particular	01	0,25
Oral, document., hemerogrf. e ac. particular	01	0,25
Oral e memória	01	0,25
Oral, biográfica e memória	01	0,25
Oral e diário	01	0,25
Oral e material didático	01	0,25
Oral, doc., mat. didático, hemerogr e histor.	01	0,25
Oral, mat. didático, historiogr., iconogr.	01	0,25
Documental	75	19,43
Documental e acervo particular	03	0,77
Documental e hemerográfica	18	4,66
Documental e periódico	03	0,77
Documental e autobiográfica	01	0,25
Documental e literatura	01	0,25
Documental, literatura e historiografia	02	0,51
Documental e iconográfica	02	0,51
Documentais, hemerográfica e periódicos	01	0,25
Docum., memória, iconogr., hist.,	01	0,25
Documental, hemerográf. e historiográfica	04	1,03
Documental, hemerográf. e acerv particular	01	0,25
Doc., hemerográf. e acerv partic. e iconogr	01	0,25
Document., hemerogr., historiogr. e periód.	01	0,25
Documental, periódico e memória.	01	0,25
Historiográfica	10	2,59
Historiográfica e hemerográfica	03	0,77

Historiográfica e hemerográfica literatura	01	0,25
Historiográfica e documental	23	5,95
Historiográfica, document e acerv particular	01	0,25
Historiográfica, document, iconograf e hem.	01	0,25
Historiográfica, documental e periódico	01	0,25
Historiográfica, documental, periódico e hem	01	0,25
Historiografia, memória e iconografia	01	0,25
Historiográf., doc, hemerogr. e icinogr.	01	0,25
Historiográfica e literatura	01	0,25
Literatura	10	2,59
Literatura, relatórios científicos e cartas	01	0,25
Literatura, historiográfica e iconográfica	01	0,25
Hemerográfica	34	8,80
Hemerográfica e memória	01	0,25
Hemerográfica e diário	01	0,25
Periódico	05	1,25
Periódico e acervo particular	02	0,51
Periódico e hemerográfica	01	0,25
Biografia	01	0,25
Memória	05	1,25
Memória e autobiografia	01	0,25
Memória e literatura	01	0,25
Cultura material	03	0,77
Monumento, doc., autobiog. e acervo mat.	01	0,25
Cult. Material, historiográfica e documental	01	0,25
Cult. Material, documental e hemerográfica	01	0,25
Cultura material, documental e iconográfica	01	0,25
Manual	02	0,51
Manuais e historiografia	02	0,51
Material didático	12	3,10
Material didático e documental	06	1,55
Material didático, document e iconográfico	01	0,25
Mat. didático, doc. e iconográf. E ac. Part.	01	0,25
Acervo particular	04	1,03
Iconográfica	04	1,03
Diário	01	0,25
Inquérito	01	0,25
Inquérito e documental	01	0,25
Não identificada	38	9,84

TOTAIS	388	100
---------------	------------	------------

FONTE: Dados colhidos junto aos anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação expostos no Livro de Resumos publicado em Aracaju-SE pela UFS – Universidade Federal de Sergipe e UNIT – Universidade Tiradentes, em 2008.